

São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade

José Guilherme Cantor Magnani



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3116>

DOI: 10.4000/pontourbe.3116

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

José Guilherme Cantor Magnani, « São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3116> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3116

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade

José Guilherme Cantor Magnani

Introdução

- 1 Minha carreira acadêmica, com seus interesses de estudo e objetos de pesquisa, desenvolveu-se em cidades cujas escalas e características – políticas, sociais, intelectuais – propiciaram experiências contrastantes. A graduação foi em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná, nos últimos anos da década de 1960. Curitiba, capital desse estado era, à época, uma cidade de porte médio, com uma população marcada por expressiva presença de descendentes de imigrantes europeus, tida como conservadora, mas com intensa vida universitária.
- 2 Por contingências políticas – líder estudantil, fui condenado pela lei de segurança nacional da ditadura militar –, apenas formado me vi em Santiago do Chile justo na época do Governo Allende, com toda aquela agitação socialista: protagonismo da classe operária com autogestão de fábricas, experiências de ocupações urbanas pelo *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) etc. Que contraste com a pacata (e conservadora) Curitiba! Poder caminhar pelas ruas com o livro de Marta Harnecker – *Los conceptos elementales del materialismo histórico* – à vista, era uma novidade... Mas a experiência acadêmica propriamente dita, desenvolvida na FLACSO, versou sobre um tema rural: *Los cuentos campesinos como productos ideológicos* foi minha dissertação de mestrado, orientada por Emilio de Ipola.
- 3 Sob o golpe, a paisagem urbana se modificou, e dramaticamente: o *Estádio Nacional* transformado em prisão coletiva, a sede do governo, o *Palácio de La Moneda* bombardeado, bairros – incluindo onde eu morava, *Macul* – continuamente *allanados* por *carabineros* e pelo exército, corpos de opositores do regime boiando no rio Mapocho... Com o toque de recolher, não se podia sair à noite e nem mesmo de dia era seguro; melhor não falar – o

sotaque denunciava brasileiros exilados, cubanos e outros latino-americanos que tinham sido atraídos ao Chile justamente pela experiência socialista.

- 4 Em Buenos Aires, meu destino seguinte após o golpe, tive o primeiro contato com uma metrópole no sentido pleno da palavra: a cidade mantinha sua escala e feição da época de prosperidade do modelo exportador. Caminhar pelo centro, usar *el subte*, usufruir de seus cafés, livrarias, teatros, cinemas e exposições constituíam uma experiência nova. A vida intelectual bonaerense era intensa, mas minhas opções acadêmicas – havia sido transferido, agora como pesquisador, para a sede portenha da FLACSO, na *calle Florida*, centro – não tinham ainda a cidade como recorte: envolviam uma pesquisa sobre peronismo e outra sobre semiótica, na linha desenvolvida por Eliséo Veron.
- 5 Assim, no começo de minha carreira acadêmica, pude viver contrastes urbanos: um horizonte provinciano em Curitiba, em Santiago a experiência socialista (e a repressão militar) nas ruas e em Buenos Aires, com seu ar europeu, uma *flânerie* mais cosmopolita. Só mesmo de volta ao Brasil, para o doutorado, é que a cidade – São Paulo, mais especificamente – passou a ocupar um lugar central como *locus* de experiências mais sistemáticas, tema de reflexão e objeto de pesquisa.
- 6 Com efeito, tendo sido acolhido por uma colega de pós-graduação, Maria Lucia Montes, em sua residência no bairro Freguesia do Ó, região norte da capital paulistana, a partir daí tive contato com manifestações que, de uma forma ou outra, eram então classificadas como cultura popular: festas de São Gonçalo, Folia de Reis, congadas, forrós, rituais em terreiros de umbanda e candomblé, apresentações de circo-teatro. Este último, aliás, terminou sendo nosso tema de doutorado no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP: Maria Lucia sob orientação da Professora Eunice Durham e eu, com Ruth Cardoso.

A descoberta da periferia

- 7 Uma característica peculiar desse objeto de pesquisa teve um desdobramento crucial para meus deslocamentos pela cidade: o circo, nômade, me obrigava a percorrê-la por caminhos e “quebradas” a que jamais iria, não fosse para acompanhar a apresentação de seus dramas e comédias. Era na reunião semanal dos artistas no centro no Largo do Paissandu, em torno da tradicional lanchonete Ponto Chic, às segundas-feiras – para troca de informações, oportunidades de trabalho, ou simplesmente como encontro da “família circense” – que eu costumava descolar os endereços onde tal ou qual companhia iria se apresentar; mas às vezes, era mesmo arriscando:

Era um sábado e resolvi buscar um circo em outro ponto da cidade. Até então tinha percorrido principalmente as zonas norte e oeste da capital (Vila Ipojuca, Freguesia do Ó, Brasilândia, Pirituba, Casa Verde, Bairro do Limão) e tinha feito algumas incursões a Ermelino Matarazzo, Araçariguama, Cupecê. Seria conveniente cobrir outra região como, por exemplo, a zona sul. E o percurso foi o seguinte: Marginal Pinheiros, Avenida Interlagos, Estrada de Parelheiros, Estrada do Bororé, que termina numa bifurcação. É o ponto final da linha de ônibus Jardim Eliana-Praça das Bandeiras; à direita começa a estrada que leva à represa e, à esquerda um loteamento de ruas irregulares, de terra, identificadas não por nome mas por números: é o Jardim Eliana. Seu pequeno centro comercial é composto por três ou quatro bares, uma borracharia, um depósito de materiais de construção e a infalível padaria. Em vez de perguntar: “Tem algum circo por aqui?”, arrisquei: – “Onde fica o circo?”. Não deu outra: – “O senhor desce por alí, vira à direita, contorna o campo

de futebol e logo vê o Circo Rosemir”. (...) Ademir explica que a praça não é muito boa, a temporada foi muito prejudicada pelas constantes chuvas e a lona precisa ser trocada. “De modos que na próxima semana a gente desmonta e vai para outro lugar aqui perto mesmo, Jardim Três Corações no ponto final do ônibus Varginha e Chácara Taunay, atrás do conjunto do BNH do Grajaú” (Magnani 1984:122, 124).

- 8 Como se pode ver, seguir o circo me levava a conhecer a cidade, ou melhor, determinadas partes, absolutamente desconhecidas por mim, até então. E foi numa delas, no longínquo Jardim Três Corações que, ao acompanhar de perto outra companhia, o Circo Bandeirantes, entrei em contato mais detido com a dinâmica da periferia paulistana. A visão que se tinha era de uma realidade homogênea, cinzenta, desprovida de recursos, espécie de bairro dormitório, ao qual se ia após a jornada de trabalho; a vida cotidiana, aí, não era levada em conta, seja pelo poder público, seja como tema de estudo e pesquisa.
- 9 Mas foi a partir do olhar “de perto e dentro”, próprio da etnografia, que pude ir além dessa visão do senso comum, ao compartilhar a dinâmica dos moradores de um bairro da periferia. A partir do circo-teatro como uma modalidade específica de dramaturgia popular, de longa tradição, entrei em contato com outras formas de entretenimento – bailes, torneios de futebol de várzea, festas de aniversário ou casamento, excursões – que compunham uma rede mais extensa de lazer.
- 10 Essas alternativas, porém, não eram frequentadas por todos, de forma indiferenciada: havia uma ordem. Era possível distinguir, por exemplo, formas de entretenimento características dos homens, por oposição às das mulheres; de crianças *versus* de adultos; de rapazes e de moças, e assim por diante. Tomando como ponto de partida o espaço onde eram praticadas, foi possível distinguir um sistema de oposições cujos primeiros termos eram “em casa” *versus* “fora de casa”.
- 11 No primeiro deles, estavam aquelas comemorações associadas a ritos que celebram as mudanças significativas no ciclo vital e tinham como referência a família, ou seja, festas de batizado, aniversário, casamento etc. O segundo termo da oposição, “fora de casa”, subdividia-se, por sua vez, em “na vizinhança” e “fora da vizinhança”. O primeiro englobava locais de encontro e lazer como bares, lanchonetes, salões de baile, espaços comunitários em paróquias, terreiros de candomblé ou umbanda, campos de futebol – e também o circo, que se situavam nos limites da vizinhança.
- 12 Estavam, portanto, sujeitos a uma determinada forma de controle, do tipo exercido por gente que se conhece de alguma maneira – seja por morar perto ou por utilizar os mesmos equipamentos, como pontos de ônibus, telefone público, armazém, farmácia, centro de saúde e quadra de esportes, se disponíveis. Quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado tornava-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, era conhecido como “o pedaço”:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani 1982:138).
- 13 É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática do lazer nos fins de semana nos bairros populares. Desta forma, o “pedaço” é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas e condição para a seu exercício e fruição. Pertencer

a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer "fora do pedaço", como acontece com disputas de futebol em outros bairros, excursões, idas a salões de baile ou a outros equipamentos de lazer situados em pontos afastados do bairro: neste caso, leva-se junto o pedaço.... "Pessoas de *pedaços* diferentes, ou alguém em trânsito por um *pedaço* que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do *pedaço* é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo" (idem, ib. :139).

- 14 Uma primeira análise mostrou que essa noção era formada por dois elementos básicos: um de ordem espacial, física – configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos –, e outro social, na forma de uma rede de relações que se estendia por sobre esse território; as características desses equipamentos definidores de fronteiras mostravam que o espaço assim delimitado constituía principalmente um lugar de encontro.
- 15 Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para *ser do pedaço*; era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar; em última análise, era por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço” e em que grau – se “colega”, “chegado”, “xará” etc..
- 16 Desta forma, ao focar a pesquisa numa forma específica de entretenimento, o circo-teatro, deparei-me não apenas com uma rede mais ampla de lazer, como entrei em contato com uma significativa parte do território da cidade pouco conhecida nas tramas de seu cotidiano, onde os moradores, a partir de tradições trazidas ao longo de fluxos migratórios, desenvolvem seus vínculos de sociabilidade e locais de encontro. E a chave da descoberta foi uma categoria nativa, o *pedaço*, que permitiu desvendar as regras dessas formas de vivência e desfrute do tempo livre.
- 17 Entretanto, para não ficar nos limites da aplicação inicial, era preciso testar sua capacidade analítica para além do contexto de origem. Assim, em diálogo com a relação *rua versus casa*, desenvolvida pelo antropólogo Roberto DaMatta, passei a empregá-la para identificar um tipo específico de sociabilidade e apropriação do espaço urbano. Segundo a conhecida fórmula damattiana, têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e a outra, ao privado. O *pedaço*, porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os *parentes*, e a rua é dos *estranhos* (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula “você sabe com quem está falando?” para delimitar posições e marcar direitos), o *pedaço* é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer.
- 18 Nesse espaço desenvolvem-se determinadas práticas (desfrute de lazer, troca de informações e pequenos favores, explicitação e resolução de conflitos) e estabelecem-se laços que terminam distinguindo e aglutinando uma rede de frequentadores. Desta forma, o *pedaço* é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e

condição para seu exercício e fruição. Pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também, como foi afirmado mais acima, como mecanismo de proteção e acolhimento.

- 19 Foi tal a reviravolta em meu tema de pesquisa que o circo-teatro ficou apenas subentendido no título completo do trabalho, quando de sua publicação, após a defesa da tese: *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (Magnani 1984, primeira edição). E de posse, agora, de uma categoria mais bem elaborada, o desafio que se colocava era identificar seu alcance interpretativo: pode ser aplicada a outras regiões da cidade?
- 20 Pois São Paulo não se resume à periferia e era tentador tentar comprovar a eficácia dessa categoria não mais no espaço da vizinhança, nos bairros mais afastados, mas em regiões centrais da cidade, com outro perfil de morador, outra dinâmica, outros usos. A expressão que resume esse desafio é “Da periferia ao centro”, que terminou sendo o título de meu último livro que historia e descreve essa passagem rumo a outros contextos urbanos. (Magnani 2012).

Da periferia ao centro

- 21 Não foi difícil reconhecer a existência de *pedaços* em regiões centrais da cidade, principalmente aquelas dotadas de equipamentos para encontro e lazer; porém, havia uma diferença com relação à ideia original: aqui, diferentemente do que ocorria no contexto da vizinhança, os frequentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia a dia do bairro –, mas sim se *reconheciam* como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. O componente espacial do *pedaço*, quando inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambiguidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. Um trecho do caderno de campo torna mais concreta essa ideia:

[...] Nessa rua [24 de maio], destaca-se uma das tantas galerias da região: Centro Comercial Presidente, ocupada por lojas de discos *funk*, *disco* e outros ritmos dançantes (Disco Mania Blacks, Truck’s Discos), além de outros serviços, como cabeleireiros *black* (Gê Curl Wave, Almir Black Power, Gueto Black Power), que reforçam a particular gramática de sua ocupação característica: é um também *pedaço* negro que aglutina rapazes e moças em torno de algumas marcas de negritude como determinada estética, música, ritmo, frequência a shows e danceterias – Chic Show, Zimbabwe, Skina Club etc. (Magnani 1996:40).

- 22 Os frequentadores exibiam – nas roupas, nas falas, na postura corporal, nas preferências musicais – o *pedaço* a que pertenciam. Neste caso, já não se tratava de espaço marcado pela moradia, pela vizinhança, mas o “efeito *pedaço*” continuava: venham de onde vierem, o que buscavam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços. Quando jovens negros saíam de suas casas e dirigiam-se a esse seu *pedaço* localizado no Centro Comercial Presidente – ao lado do Teatro Municipal, no centro da cidade –, também conhecido como Galeria do Rock, não o faziam apenas com o objetivo de dar um “trato no visual” ou comprar discos: iam para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças.
- 23 Era bom estar lá, “rola um papo da hora”, ficava-se sabendo das coisas, de *shows*... e era assim que essa rede da sociabilidade ia sendo tecida num espaço que abrigava, também,

outros *pedaços* – dos *headbangers*, skatistas, *vegans*, pichadores, góticos, *emos*, grafiteiros, tatuadores, *straight edges* – cada qual com seus próprios códigos, como a continuidade da pesquisa acabou revelando. Desta forma, se a categoria *pedaço* revelou-se útil para descrever uma forma de sociabilidade em outro contexto que não o de sua origem, no âmbito da vizinhança e do bairro, para tanto foi preciso proceder a alguns ajustes.

- 24 São Paulo, porém, não é um conjunto de *pedaços*; novas incursões pelo centro iriam mostrar outros padrões de uso e ordenação dos espaços como, por exemplo, os que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante.
- 25 Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, parques, praças, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades. Já uma *mancha* caracterizada por atividades ligadas à saúde, por exemplo, geralmente se constitui em torno de uma instituição que funciona como âncora – um hospital – agrupando os mais variados serviços, como farmácias, clínicas particulares, consultórios, serviços radiológicos, laboratórios; uma *mancha* marcada pela atividade de ensino terá como âncora uma faculdade cercada por livrarias, bancas, biblioteca, xerox, cafés etc, e assim por diante.
- 26 As marcas dessas duas formas de apropriação e uso do espaço – *pedaço* e *mancha* – na paisagem mais ampla da cidade são diferentes. No primeiro caso, em que o determinante é constituído por relações estabelecidas entre seus membros e pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço como ponto de referência é restrito, interessando mais a seus *habitueés*. Com facilidade muda-se de ponto, levando-se junto o *pedaço*.
- 27 A *mancha*, ao contrário, sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários. Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas. Numa determinada *mancha* sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não *quais*, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores. Exemplos de *manchas* de lazer que pude percorrer juntamente com meus alunos, na cidade: a da Vila Olímpia, a da Vila Madalena e a do Bixiga, esta à época do início da pesquisa:
- À medida que a noite se aproxima, as pessoas recolhem-se às casas, mas muitos permanecem diante de portas, janelas, e escadas que dão para a rua, conversando; acendem-se a iluminação pública e a das residências. Entretanto, uma movimentação inusitada para um bairro residencial chama a atenção: caminhões de entrega estacionam diante de estabelecimentos até então quietos; nota-se um certo vaivém, caixas de bebidas são descarregadas, algumas mesas e cadeiras são colocadas nas calçadas. É, não há dúvidas: o Bixiga prepara-se para uma prometedora vida noturna, quando outro tipo de atividades – e outros personagens

- darão o tom às suas ruas (...). Este é o Bixiga que aqui interessa, aquele que de repente é outro, o da *mancha* de lazer, tão conhecido. Caminhar por ele não é só prestar atenção para o cenário que à noite é muito diferente, apesar de o referencial físico ser o mesmo do Bixiga-bairro. Subir o pequeno trecho da rua Treze de Maio a partir do Café Soçaito, por exemplo, é perceber uma multiplicidade de cheiros, cores, luzes, sons, de ambos os lados da rua, do mais "nobre" e do outro. E encontrar gente, também. Principalmente. (...) A caminhada pelo Bixiga ensina que para entender sua dinâmica é preciso estar atento à sua diversidade: bares / cantinas; cafés / botecos; teatros / casas de shows; MPB / jazz/ rock; etc. *Sacrossanta mistural* E quanto mais se caminha, mais elementos vêm aumentar essa lista. (...) vê-se que os estabelecimentos dialogam, conversam, opõem-se, complementam-se – uns ao lado dos outros e frente a frente. Existe um estímulo para passar de lá para cá, subir e descer, parar e espiar – antes de decidir-se por este ou aquele bar, boteco ou casa de *show*. (Magnani 1996: 41, 42).

- 28 A cidade, contudo, também não é um aglomerado de pontos excludentes, sejam eles *pedaços* ou *manchas*: as pessoas circulam, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com uma determinada lógica. Mesmo quando se dirige a seu *pedaço* habitual, no interior de determinada *mancha*, seguem caminhos que não são aleatórios. Está-se falando de *trajetos*. Este termo surgiu da necessidade de se categorizar uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria *pedaço*. Enquanto esta última, como foi visto, remete a um território que funciona como ponto de referência – e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, vizinhança, origem e outros –, *trajeto* aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas.
- 29 É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas: esta é uma primeira aplicação da categoria: na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, *trajetos* ligam equipamentos, pontos, *manchas*, complementares ou alternativos. E não de forma aleatória, individual, como mera estratégia de deslocamento. Os *trajetos* são reconhecíveis e identificáveis em suas regularidades.
- 30 Foi dito que *pedaço* é aquele espaço intermediário entre a casa (o privado) e o público ou, para utilizar um sistema de oposições já consagrado, entre *casa* e *rua*. Não é, contudo, um espaço fechado e impermeável a uma e outra, ao contrário. É justamente a noção de *trajeto* que abre o *pedaço* para fora, para o âmbito do público. E os *trajetos* levam de um ponto a outro através dos *pórticos*.
- 31 Trata-se de espaços, marcos ou vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem à *mancha* de cá, mas ainda não se situam na de lá; escapam às regras e sistemas classificatórios de uma e outra e, como tal, apresentam a “maldição dos vazios fronteiros” – expressão que Santos & Vogel (1985: 103) tomam emprestado do título de um dos capítulos do livro de Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1992). Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados... mas plenos de possibilidades.
- 32 E, por fim, a noção de *circuito*. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial: por exemplo, o *circuito gay*, o *circuito* dos cinemas de arte, o *circuito* neo-esotérico, do povo-de-santo, dos *straight-*

edgers, dos skatistas, dos evangélicos *gospel* e tantos outros – cujos pontos podem estar disseminados pela paisagem mais ampla da cidade (e até para fora dela), mas constituem uma unidade significativa, reconhecida pelos usuários habituais.

- 33 A aplicação regular dessas categorias em diferentes contextos de pesquisa permitiu um maior refinamento nas distinções e relações entre elas, o que levou a agrupá-las num conjunto que denominei “família de categorias”. Assim, por exemplo, ainda que *pedaço* e *mancha* tenham em comum uma referência espacial bem delimitada, a relação do *pedaço* com o espaço é mais transitória, pois pode mudar de um ponto a outro sem se dissolver, já que seu outro componente constitutivo é o simbólico, em razão da forte presença de um código comum.
- 34 Já a *mancha*, delimitada pelos equipamentos que se complementam ou competem entre si no oferecimento de determinado bem ou serviço, apresenta uma relação mais estável com o espaço e é mais visível na paisagem: é reconhecida e frequentada por um círculo mais amplo de usuários. A noção de *circuito* também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente em relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na *mancha* ou no *pedaço*. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser localizado, levantado e descrito.
- 35 Por outro lado, o *circuito* comporta vários níveis de abrangência, e a delimitação de seu contorno depende das perguntas colocadas pelo pesquisador. O povo-de-santo na cidade tem seu *circuito* e modo de vida correspondente, mas é possível, por exemplo, dependendo dos objetivos da pesquisa, delimitar e considerar apenas o *circuito* dos ilês africanizados, ou estendê-lo para os demais, incluindo ou não os terreiros de ascendência angolana e até os de umbanda; saindo do terreno propriamente religioso, esse *circuito* pode abranger a capoeira, as escolas de samba, os afoxés e também escolas de dança, exposições de arte africana, restaurantes, e assim por diante. Em cada um desses recortes está-se em contato com o mesmo sistema simbólico e de trocas – continua sendo o universo do povo-de-santo – mas cada alargamento ou delimitação do âmbito dependem dos usuários e seus trajetos.

Três circuitos: neo-esotéricos, jovens, surdos

- 36 A aplicação dessas categorias foi particularmente proveitosa para acompanhar, descrever e analisar, entre outros, três recortes de pesquisa: a disseminação de práticas que denominei de “neo-esotéricas”, influenciadas pelo movimento *New Age*, a inserção de jovens e suas práticas culturais na capital paulistana e finalmente a presença dos surdos e suas formas de deslocamento por diferentes espaços da cidade. Segue breve referência a cada um desses temas:
- 37 **Neo-esotéricos:** Ao longo dos trabalhos de campo, o contato com algumas situações da sempre cambiante ambiência do centro da cidade, tais como a leitura de cartas de tarô em pleno Viaduto do Chá, por exemplo, e feiras de produtos “esotéricos” montadas em praças – começou a levantar novos temas e indagações, o que constituiu ponto de partida para outra leva de pesquisas¹.
- 38 Tratava-se das então denominadas práticas “esotéricas” ou “místicas”, heterogêneo universo formado por elementos retirados dos mais variados sistemas filosóficos e religiosos – tradições orientais, ocultismo, paganismo, cosmologias indígenas etc. – e

realizadas em amplos e bem equipados espaços na forma de terapias “alternativas”, cursos, consumo de literatura de auto-ajuda, rituais de prosperidade, consulta a sistemas divinatórios e muitas outras modalidades.

- 39 Tais serviços e espaços, aparentemente procurados de forma aleatória e segundo o arbítrio das escolhas individuais mostrou-se, ao contrário, um campo sujeito a regularidades e experiências coletivas: sua distribuição no mapa da cidade, o agenciamento dos espaços internos em antigos sobrados, a existência de um calendário de eventos, as pautas de consumo e outros indícios apontam para a presença de padrões de comportamento que permitem falar num certo “estilo de vida” peculiar na paisagem da cidade marcado pela busca de medicinas alternativas, vegetarianismo, práticas corporais de origem oriental, preocupação com autoconhecimento, vivências comunitárias.
- 40 Se foi possível detectar *pedaços* e *manchas* especializados nessas atividades, a aplicação da noção de *circuito* revelou-se particularmente proveitosa. Isso porque evidenciou estratégias através da qual os agentes dessas práticas comunicavam-se, circulavam pelas instituições e estabeleciam um padrão de trocas no espaço mais amplo da metrópole – contradizendo uma certa visão que enfatizava a dispersão, o nomadismo dessas práticas. O mesmo ocorreu na pesquisa seguinte “*O xamanismo urbano e a religiosidade contemporânea*” (Magnani 2000), cujo objetivo era estudar o processo de formação e disseminação, na cidade, de cosmologias, práticas terapêuticas e de auto-conhecimento elaboradas a partir de um vasto espectro onde entram tradições atribuídas a diferentes povos indígenas e proposições creditadas a algum ramo de “ciências de ponta” como programação neurolinguística, física quântica e outras.
- 41 **Jovens:** Para me contrapor à ambiguidade da expressão “tribos urbanas”, comumente empregada pela mídia ao se referir a jovens e suas práticas de lazer e encontro, propus “circuitos de jovens”, com o propósito de descrever as lógicas e regularidades de sua presença na cidade e suas formas de apropriação dos equipamentos. Foram os seguintes os grupos de jovens que passaram a integrar o novo desenho dessa pesquisa: os *straight edge*; pichadores; jovens instrumentistas; *habitués* do forró universitário; adeptos das *raves*, baladas *black* e *gospel*; góticos; frequentadores de uma *mancha* de lazer em bairro de classe média, Vila Olímpia, na zona sul da cidade; *b.boys* e *street dancers*.
- 42 Outro era o pressuposto que foi tomado como ponto de partida: em vez da ênfase na condição de “jovens”, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, de geração, a ideia era enfocar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito e os parceiros com quem estabelecem relações de troca. Mais concretamente, o que se buscou com tal opção era um ponto de vista que permitisse articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos (recuperando os aspectos da mobilidade, dos modismos etc. enfatizados nos estudos sobre esse segmento) e os espaços, instituições e equipamentos urbanos que, ao contrário, apresentam um maior (e mais diferenciado) grau de permanência na paisagem – desde o “pedaço”, mais particularista, até a “mancha”, que supõe um acesso mais amplo e de maior visibilidade. “Circuitos de jovens”, por conseguinte, chamam a atenção para a sociabilidade e não tanto para pautas de consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional, tônica das “culturas juvenis”; e para as permanências e regularidades, em vez da fragmentação e nomadismo, mais enfatizados na perspectiva das ditas “tribos urbanas”. Este grupo encerrou suas atividades com a publicação da coletânea *Jovens na Metrópole: uma análise antropológica dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* (Magnani & Mantese 2007).

- 43 **Os surdos:** O terceiro recorte foi inaugurado a partir de um convite: em 2002, ao ser procurado para integrar uma equipe de pesquisa, formada por linguistas e historiadores da USP, sobre surdos em São Paulo, minha primeira reação foi de surpresa, pois pouca ou nenhuma familiaridade tinha com o tema. Quando, porém, me foi explicado o motivo do convite, contribuir com o enfoque antropológico e, em especial, com o da antropologia urbana numa pesquisa já em andamento que incluía, por parte dos linguistas, a descrição da língua brasileira de sinais (libras) e, por parte dos historiadores, o registro de histórias de vida, a proposta começou a fazer sentido. O que se pretendia era identificar a rede de sociabilidade dos surdos na cidade, a partir das categorias de *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito* utilizadas em pesquisas do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (LabNAU) do qual sou coordenador.
- 44 O período em que ocorreu o convite também teve seu papel nos rumos que essa participação tomou. Era a época das festas juninas que tomam conta de escolas, instituições, associações de bairros, paróquias, clubes etc.: para quem havia estudado diferentes formas de lazer na cidade, o estudo das festas não apenas é um recorte relevante como ademais constitui sempre uma via de acesso privilegiada para o entendimento das regras que estão na base de redes de sociabilidade². Desta forma, com o auxílio dessas categorias, foi possível descrever o cenário das festividades: assim, a noção de *pedaço* permitiu entender a dinâmica de duas delas, a realizada pela Associação para Deficientes da Audio Visão (ADEFAV) e a da Associação dos Surdos de São Paulo.
- 45 Mas havia diferenças. Por ser realizada na rua, a primeira teve caráter mais aberto, enquanto na segunda, quem não era mesmo do pedaço, não se sentia à vontade; os sinais de reconhecimento eram mais estritos. Contudo, nessa mesma associação, em outra ocasião, uma cerimônia de caráter religioso – a entronização de uma imagem católica – ensejou um encontro mais aberto, com a presença de ouvintes, surdos oralizados e até intérpretes de igrejas neopentecostais.
- 46 Já o Instituto Santa Teresinha, escola especial para surdos, de orientação católica, constitui o epicentro de uma *mancha* que inclui quadra poliesportiva, ruas adjacentes, arredores, bares da vizinhança, esquinas, pontos de ônibus, todos tomados por surdos, tanto nas festas – quando sua presença é significativa – quanto no cotidiano.
- 47 A Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC), ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e a Escola Municipal de Educação Especial Hellen Keller pertencem propriamente ao *circuito* pedagógico, mas se integram, no período das festas, ao *circuito* das festas juninas e seguem os padrões dessas comemorações. Ainda que abertas a participantes alheios à escola (basta comprar o ingresso), ficam, entretanto, mais restritas aos alunos e seus familiares. É interessante notar como e quando instituições específicas do ponto de vista de suas funções (escola, terapia) se transformam e se integram às normas de outro *circuito*, o festivo, ajustando-se ao calendário de lazer.
- 48 Com relação aos atores, o que poderia parecer um só bloco indistinto – surdos, em suas festas – revelou, na verdade, uma notável heterogeneidade. Lá estavam todas as nuances: surdos usuários de libras, surdos oralizados, surdo-cegos, surdos com aparelhos, familiares, professores, intérpretes, pesquisadores, religiosos. Esses atores se conectam, fazem escolhas, percorrem trajetos; em algumas circunstâncias, os que dão o tom são os surdos mais intelectualizados, isto é, aqueles que frequentam a universidade ou circulam em meios acadêmicos, proficientes em libras, antenados com questões e eventos do

movimento surdo politizado; em outros casos, essas características não têm centralidade, e o que importa é o fervor religioso (nas romarias devocionais católicas e nos cultos evangélicos, por exemplo), quando qualquer modalidade de comunicação é aceita. O mesmo ocorre em eventos esportivos, *workshops*, congressos: mudam a etiqueta e o eixo, reorganizam-se os fluxos.

- 49 Assim, os surdos comportam-se de determinada maneira em seu *pedaço*; já numa *mancha*, com maior variedade de personagens, as inter-relações mudam e as estratégias de comunicação são outras. Com os *trajetos*, escolhem seu pontos de encontro, enfrentam seus conflitos ou os produzem. No *circuito*, amplia-se mais o círculo de possibilidades, permitindo o “mundo dos surdos” ou seu “campo” ser visto em suas múltiplas articulações, rede de sociabilidade e estruturas em relação com os espaços, instituições e equipamentos urbanos – e não de forma indiferenciada, homogênea.
- 50 As categorias empregadas nos exemplos acima começaram também a ser vistas formando combinações: na pesquisa do lazer com jovens no bairro paulistano da Vila Olímpia, por exemplo, os frequentadores faziam seus *trajetos* e constituíam *pedaços* no interior dessa *mancha*; já no caso dos jovens negros em seu *happy hour* no centro da cidade, antes de sair para esta ou aquela balada *black*, os *trajetos* eram feitos entre *manchas*. Os pichadores, por sua vez, percorriam seus *trajetos* desde a “quebrada” na periferia em direção a um de seus *pedaços* na região central, como o localizado no Centro Cultural São Paulo. Entre os *straight edgers*, seus *pedaços* eram formados em diferentes *manchas*, uma na rua Augusta e outra tendo a estação do metrô Jabaquara como referência.
- 51 Na pesquisa sobre religiosidade foi também possível observar pontos importantes do *circuito* neo-esotérico serem transformados por alguns dos frequentadores em seu *pedaço*; também chamou a atenção a estratégia de articular num mesmo *circuito*, o do xamanismo urbano, clínicas alternativas, consultórios e livrarias com sítios e chácaras nos arredores da cidade, para *workshops*, percorridos em diferentes *trajetos*. No caso dos surdos, uma das práticas era a de incorporar em seu *circuito* determinados espaços no interior de equipamentos urbanos de amplo acesso e circulação, como as praças de alimentação de alguns *shopping centers*, criando neles um *pedaço*, em certos horários e dias da semana.
- 52 Como se vê, as categorias não se excluem e são justamente as passagens e articulações entre seus domínios que permitem levar em conta, no recorte da pesquisa, as escalas de cidades e os diferentes planos da análise. Elas constituem uma gramática que permite classificar e descrever a multiplicidade das escolhas e os ritmos da dinâmica urbana, não centrados na escolhas de indivíduos, mas em arranjos coletivos e recorrentes, em cujo interior se dão essas escolhas, apontando para regularidades.

As expedições

- 53 Essa “família” de categorias foi surgindo, como acaba de ser mostrado, ao longo das andanças e pesquisas, muitas delas em grupo, como resultado da observação continuada em campo. E em seguida, como ferramenta de análise, utilizada em trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado de integrantes do LabNAU, sobre as mais variadas práticas culturais e formas de sociabilidade na metrópole.
- 54 Mesmo assim, o tamanho, a extensão e diversidade que caracterizam esta cidade instigam a experimentar novas estratégias de pesquisa. Algumas delas denominei “incursões de inspiração etnográfica” e se diferenciam dos enfoques habituais das pesquisas

antropológicas: enquanto estas ainda seguem o clássico modelo malinowskiano – uma jornada solitária, de longa duração, acompanhando o dia a dia na aldeia de um povo longínquo – alguns dos experimentos que desenvolvi no LabNAU supõem a participação de vários pesquisadores em campo compartilhando olhares e relatos, num período mais curto de tempo, imersos na dinâmica do ambiente urbano para observar e registrar o objeto de seu estudo. As expedições constituem uma dessas experiências metodológicas: descrevo uma delas.

- 55 A sempre citada frase que abre o famoso livro de Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos* – “Odeio as viagens e os exploradores. E aqui estou eu disposto a relatar as minhas expedições” ([1955] 1981: 11) – pode servir como mote para expedições em que tomei parte ou que organizei, algumas das quais com participação de membros do LabNAU.
- 56 Uma delas foi a “Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole”, durante a semana do aniversário da cidade, em janeiro de 2004.³ Tinha como inspiração e referência uma mais antiga, a “Expedição São Paulo: refazendo os antigos caminhos de São Paulo, 1985”, caminhada de uma semana que compartilhei com diversos especialistas – arquitetos, historiadores, cientistas sociais, ambientalistas – seguindo os mesmo trajetos dos viajantes do século XIX para confrontar as descrições daquele “vazio oitocentista” com a trama urbana da mesma cidade cem anos depois, com base em fotos tiradas do alto do satélite *Intelsat*.
- 57 A dimensão e alcance dessa nova expedição, porém, eram outros: duas equipes compostas por trinta profissionais das mais diversas áreas – ciências sociais e meio ambiente; urbanismo e arquitetura; história, museologia, arqueologia e etnomusicologia; psiquiatria, artes e educação – com apoio de estagiários, cinegrafistas e equipe operacional. Ao longo de dois eixos, Sul/Norte e Leste/Oeste, durante uma semana ininterrupta visitamos favelas, grupos de *rap* e *hip-hop*, clubes de futebol de bairro, escolas e núcleos de samba, locais de culto, telecentros e *lan-houses*, a Estação Ciência na Lapa, a Bolsa de Valores, o IML (Instituto Médico Legal), a Galeria do Rock, o Edifício Copan, cooperativas e mercados, hortas comunitárias e postos de reciclagem, aldeias indígenas, parques e praças, centros culturais e associações como a sede da Orgulho GLBT e uma instituição de proteção à mulher vítima de violência, no bairro de Pirituba.
- 58 A cidade foi vista de cima, do alto de um moderno heliponto no topo do *Citibank*, na avenida Paulista, e das bordas de uma cratera, antiga de 40 milhões de anos, produzida por um meteorito, em Vargem Grande, no extremo sul. Foram percorridas as entranhas do metrô, as avenidas do centro, ruas de bairros de classe média, alamedas de *campi* universitários, vielas de conjuntos habitacionais, trilhas de parques e até de quadras de cemitérios. Ao todo, foram 273 visitas, 58 horas de gravação de depoimentos, 80 horas de gravação de vídeo e 9 mil fotos: um vídeo e um livro (Magnani, 2004) contêm alguns desses registros.
- 59 O que mais surpreendeu, porém, não foi essa lista, certamente incompleta, mas o intercâmbio de funções: o clube de futebol que abriga uma escola, o cemitério que é apropriado como parque, o local de culto evangélico onde o *rapper* aprende a ler partitura musical, o espaço escolar que oferece lazer, o botequim que é sede de time de futebol, a associação de moradores onde se faz artesanato e serve de convivência para idosos, o vão do viaduto que abriga um ponto de reciclagem de lixo.
- 60 Seus agentes sabem como operar essas passagens, abrindo caminho entre os meandros do poder público e das instituições privadas e até entre os ambíguos mecanismos da

ilegalidade. Nestes casos, o que garante a inevitável negociação é aquele conjunto de condutas conhecido e divulgado simplesmente como “procedimento”, termo que resume o dístico – “lealdade, humildade, procedimento”. Espécie de *passe-partout*, é um código que permite e regula não apenas o contato entre iguais, mas também a convivência e as trocas entre atores sociais separados por fronteiras infranqueáveis e sistemas de valores antagônicos. Não obstante todas as dificuldades, essa cidade funciona!

- 61 Mesmo sem as dimensões dessa expedição, idas a campo coletivas no curto período de tempo em que transcorre a prática a ser observada foram aplicadas em outras ocasiões. Uma delas é a Virada Cultural, evento anual promovido pela Prefeitura de São Paulo quando, num determinado fim de semana, o centro da cidade é tomado de forma contínua por *shows*, performances, mostras, barracas de comida etc. Findo o trabalho de campo, os pesquisadores compartilham seus relatos, geralmente publicados na revista eletrônica do LabNAU, a Ponto.Urbe.
- 62 O mesmo ocorreu durante a Copa do Mundo de 2014, com incursões etnográficas a bairros de imigrantes e seus descendentes cujos países tinham times disputando partidas, para registrar suas formas de torcer. Ademais, ainda a propósito desse evento, organizei uma série de incursões à ocupação “Copa do Povo”, protagonizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) num terreno no bairro de Itaquera – justo onde estava o estádio que abrigaria a abertura da disputa.

Conclusão

- 63 São Paulo, com seus 11,69 milhões de habitantes, distribuídos numa área de 1.523 km², não impressiona apenas pelo tamanho; contudo, até fins do século XIX era uma cidadezinha provinciana com não mais do que 24.000 habitantes. Sua entrada no contexto mundial deu-se, como é sabido, primeiro com a expansão da lavoura cafeeira para exportação e, em seguida, com a industrialização. Em ambos os casos, a presença de amplos contingentes populacionais de fora, tanto do exterior como de outras regiões do país, foi determinante, pois com esses aportes a cidade cresceu de forma rápida, exponencial. Entretanto, não foi apenas uma expansão demográfica, econômica ou territorial: ela assumiu ares de metrópole, de feição cosmopolita, culturalmente diferenciada – mas também com todos os seus problemas.
- 64 Para entender e explicar essa dimensão – já alçada para outra escala, de “megacidade” (Mongin 2009), “cidade global” (Sassen 1998), muitos estudos recorrem a autores clássicos que descreveram o surgimento da moderna metrópole na virada do século dezenove para o vinte: tanto Simmel como Benjamin são mobilizados justamente para enfatizar aqueles aspectos que tanto os impressionaram em Berlim e Paris, a atitude *blasé*, num caso, e a *flânerie* em outro: individualismo, desencontros, anonimato. A esses atributos acrescentam-se outros mais, comumente relacionados com a situações de cidades do “terceiro mundo” – como é o caso de São Paulo e também do México: caos, violência, desigualdades, deficiência de serviços públicos, segregação etc.
- 65 Claro que não se pode negar a existência desses fatores, mas a pergunta que ainda paira é: isso é tudo? Este cenário esgota o leque das experiências urbanas? Não seria possível chegar a outras conclusões, desvelar outros planos mudando de foco e recorrendo a outros métodos e instrumentos de pesquisa como, por exemplo, os da Antropologia?

- 66 Colocava-se aí, um desafio: como encarar toda essa complexidade, com os métodos e conceitos de uma disciplina forjados ao longo de pesquisas basicamente sobre povos de pequena escala? Mais ainda: seria legítimo ou produtivo tal esforço? Uma alternativa era a de tentar reproduzir aquelas condições tidas como específicas dos assentamentos estudados nas pesquisas antropológicas clássicas – a aldeia, a comunidade, o pequeno grupo. Cabe notar que, se tais condições já não se verificam nem mesmo nas próprias pesquisas com povos indígenas, continuam presentes, no imaginário, como as características ideais da abordagem etnográfica. Denominei essa transposição de “a tentação da aldeia”, ou seja, a tentativa de buscar, no contexto bastante diversificado, heterogêneo e interconectado das metrópoles, aquele lugar ideal onde supostamente se poderia aplicar, com mais acerto, o método etnográfico: o resultado seria a multiplicação de “estudos de caso”, isolados, auto-contidos.
- 67 A saída que foi experimentada ao longo das pesquisas aqui relatadas, deu-se em outra direção: aplicar o olhar “de perto e dentro”, próprio do olhar etnográfico – em contraposição a outro, “de longe e de fora”, mais voltado para variáveis explicativas de ordem macro – mas sem perder a dimensão de conjuntos mais abrangentes. As categorias que foram acionadas permitiram essas passagens – de um recorte preciso, minucioso, colado à leitura e interpretação de nossos interlocutores, em direção a âmbitos mais amplos: apresentam, assim, um duplo estatuto, são ao mesmo tempo, *unidades de sentido* e *unidades de inteligibilidade* (Marc Augé 1994:51; Magnani 2012:268).
- 68 Em suma, para não cair numa descrição sem fim de práticas, personagens, espaços e escolhas individualizadas, é preciso situar o foco nem *tão de perto* que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário ou grupo e nem *tão de longe* a ponto de distinguir um recorte mais geral, mas distante das experiências cotidianas: há planos intermediários onde se pode identificar a presença de padrões que, para além de uma aparente fragmentação, mostram lógicas nas forma de uso e ocupação da cidade e apontam para regularidades da dinâmica urbana.

BIBLIOGRAPHY

AUGÉ, Marc. 1994. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Ed. Papirus.

KOTHE, Flávio. (org.) 1985. *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática.

DA MATTA, Roberto. [1985] 1991. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.

HARNECKER, Marta. 1971. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. Mexico: Siglo Veintiuno.

JACOBS, Jane. 1992. *The death and life of great American cities*. Nova York: Vintage Books, Random House Inc.

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1955] 1981. *Tristes Trópicos*. Lisboa/São Paulo: Ed. 70/Martins Fontes.

- MAGNANI, J.Guilherme C. & TORRES, Lilian. 1996. *Na Metrópole: tetos de Antropologia Urbana*. São Paulo, EDUSP.
- MAGNANI, J.Guilherme C. (org.). 2004. *Expedição São Paulo 450 anos – uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria de Cultura do Município de São Paulo/ Instituto Florestan Fernandes.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 1999. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Livros Studio Nobel Editora.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 2000. “O xamanismo urbano e a religiosidade contemporânea”. *Religião & Sociedade*, v. 20, nº 2: 113-140.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense/Ed. Hucitec.
- MAGNANI, J.Guilherme C. e MANTESE, Bruna (org.). 2007. *Jovens na Metrópole: etnografias de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 1991/1992. “Os Pedacos Sagrados da Cidade”. *Relatório de pesquisa*, CNPq.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 1993/94. “Sob nova direção: Práticas mágico-esotéricas na cidade”. *Relatório de pesquisa*, CNPq.
- MAGNANI, J.Guilherme C. 1995/1996. “Espiritualidade em ritmo metropolitano: os novos espaços de encontro, vivência e culto na cidade”. *Relatório de pesquisa*, CNPq.
- MONGIN, Olivier. 2009. *A Condição Urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade.
- SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. 1985. *Quando a Rua vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto Editores Associados/Ibam.
- SASSEN, Saskia. 1998. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel.
- SIMMEL, Georg. 1987. “A Metrópole e a Vida Mental”. In Otávio Velho (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 11-26.

NOTES

1. Projetos “Os Pedacos Sagrados da Cidade” - CNPq, 1991/1992; “Sob nova direção: Práticas mágico-esotéricas na cidade” - CNPq, 1993/94; “Espiritualidade em ritmo metropolitano: os novos espaços de encontro, vivência e culto na cidade” - CNPq, 1995/1996). Dessas pesquisas resultou o livro *Mystica Urbe, um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole* (Magnani 1999).
2. A pergunta que logo se colocou era: as escolas e associações de surdos também promovem essas comemorações? E outra indagação, inevitável, veio logo à tona: *festa junina de surdo tem música?*
3. Participei da montagem e organização, juntamente com Maria Ignez Mantovani e Cristina Bruno pela Expomus, Julio Abe Wakahara e membros da Fundação Florestan Fernandes.

ABSTRACTS

Minha trajetória acadêmica, já no contexto da docência e da pesquisa na Universidade de São Paulo, manteve a marca do contato inicial com o recorte escolhido para a tese de doutorado: a descoberta da periferia. Foi com base na etnografia aí desenvolvida que surgiu a primeira de uma série de categorias, o *pedaço*, com as quais foi possível descrever formas de sociabilidade e modos de apropriação do espaço urbano. A partir de então a cidade foi se revelando em toda sua diversidade e com todos os seus contrastes, mas não de maneira aleatória: o olhar de *perto e de dentro* revelou regularidades ali onde uma visão pouco atenta não via senão desordem, fragmentos. Escolhi três recortes empíricos para ilustrar esse processo que ressalta a eficácia de instrumentos de pesquisa elaborados a partir da experiência de campo.

My own academic trajectory, within the context of teaching and researching at the University of São Paulo, maintained the mark of initial contact with the chosen delimitation for the doctoral thesis: the discovery of the suburbs. Based on the ethnography carried out at the suburbs, the first of a series of categories: the *PEDAÇO*, enabled the description of forms of sociability and ways of appropriation of public space. This was the starting point for an unveiling of the city in all its diversity and with all its contrasts, but not in a random way: the regard from close up and within revealed regularities where a less attentive look would see only disorder and fragments. I have chosen three empirical delimitations to illustrate this process that enhance the efficacy of research instruments developed upon field experience.

INDEX

Keywords: São Paulo, academic trajectory, ethnography, suburbs

Palavras-chave: trajetória acadêmica, etnografia, periferia, pedaço

AUTHOR

JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI

Departamento de Antropologia - USP